

Tradição e contemporaneidade no reisado de mestre Branquinho – comunidade Boquinha, zona rural de Teresina-PI, Brasil.

Pesquisa em andamento.

GT 29: Outra globalização: novos saberes e práticas científicas, literárias e artísticas.

Laila Ibiapina Caddah¹

Resumo

O trabalho propõe um diálogo entre as teorias antropológicas contemporâneas e o estudo das transformações ocorridas no reisado Boi Estrela, de mestre Raimundo Branquinho, na comunidade Boquinha, zona rural de Teresina, Piauí. Em seu decorrer, apresenta reflexões inerentes à pesquisa de campo e à produção de conhecimento, ao tempo em que analisa a manutenção da prática de Branquinho, onde conhecimentos tradicionais e invenções da contemporaneidade coexistem. As categorias no reisado são fluidas e relacionadas ao seu contexto, no qual partes diversas dialogam. O empreendimento antropológico requer abertura a uma nova perspectiva, onde seja reconhecida a dinâmica das manifestações do homem, bem como os princípios que partem da comunidade, não apenas enquanto alteridades, mas como outras possibilidades do ser e conhecer.

Palavras chaves: Antropologia; contemporaneidade; reisado.

Introdução

O presente ensaio propõe um diálogo entre a teoria antropológica contemporânea e o estudo das transformações no reisado Boi Estrela, de mestre Raimundo Branquinho, na comunidade Boquinha, zona rural sudeste do município de Teresina, Piauí. Para tanto, utilizamos como base a pesquisa bibliográfica e de campo, fundamentada no método da observação participante², a qual foi realizada no período de janeiro de 2012 a junho de 2013. Durante os trabalhos na comunidade, buscamos analisar a relação entre tradição e contemporaneidade, expressa nos processos inventivos que brotam das atividades ordinárias e extraordinárias de mestre Branquinho, que lidera a prática no povoado³.

Em linhas gerais, os reisados consistem em festas e peregrinações que relembram a trajetória mítica dos três reis magos, em visita ao menino Jesus. Normalmente são realizados no período compreendido entre vinte e quatro de dezembro e seis de janeiro, dia dedicado aos chamados Santos Reis. No Brasil, surpreendem pela abrangência territorial e pela sua diversidade, expressando-se em diferentes formas a cada localidade. Também conhecidos por folia ou terno de reis, os reisados foram trazidos da Península Ibérica no período colonial, adquirindo feições singulares conforme a região. No nordeste brasileiro, os grupos que se dedicam aos referidos santos são diversos em sua composição, em seus modos de fazer, em suas relações. São compostos por diferentes indivíduos criadores que, imersos em um universo de trocas dinâmicas, imprimem singularidades à sua brincadeira. As comemorações e

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Piauí (PPGAArq/UFPI), sob a orientação do professor Dr. João Miguel Sautchuk.

² Associada ao método da história oral, que preconiza o uso de entrevistas e a análise de narrativas.

³ A pesquisa de mestrado, em andamento, intitula-se “Tradições e invenções no reisado de Raimundo Branquinho, na comunidade Boquinha, zona rural do município de Teresina-PI”. Além de visitas intermitentes e de acompanhamento do reisado em apresentações fora da comunidade, foram realizadas imersões no campo nos seguintes períodos: janeiro de 2012, janeiro de 2013 e junho de 2013.

apresentações dos grupos de reis também podem ser encontradas em épocas que divergem do período natalino.

Na comunidade Boquinha, situada a aproximadamente vinte quilômetros do centro de Teresina, capital do estado, estudamos o reisado de Branquinho enquanto manifestação pulsante de uma tradição, o qual inserido em uma nova realidade-mundo vivencia contínuas transmutações. A prática se fortalece em meio aos desafios da contemporaneidade, interligando conhecimentos e diluindo fronteiras entre rural e urbano, passado e presente, local e global. Sua vitalidade reside justamente na capacidade de seu mestre em adequá-la às condições de vida de seus produtores, bem como de estabelecer vínculos com outros centros de cultura. A cada ano, mudam os modos de viver, outras necessidades surgem e o reisado de Branquinho se reordena em novas formas e significados. As soluções diárias, as intervenções táticas e recriações constituem estratégias de sobrevivência, tanto para o mestre quanto para a própria manifestação, que combina elementos rurais e urbanos, antigas práticas com novas técnicas, folguedos com indústria cultural.

O reisado de Branquinho se recria diariamente, incorporando “outros” elementos à sua música, indumentária e *performance*. As concepções estéticas são elaboradas não só a partir de um ponto de vista religioso, mas especialmente por um viés “artístico”. Durante as apresentações, o farfalhar das palhas combinado aos estalidos do sapateado são únicos nas sonoridades do Boi Estrela. Também os são, as faculdades do corpo e da voz no desempenho dos caretas, homens mascarados que durante a exibição devem ao mesmo tempo falar, cantar, grunhir e se movimentar, estando sempre atentos à audiência e com ela provocando interações. O reisado deve ser observado não como produto, mas como processo que se constroi em interação com o público e com as instituições que o permeiam.

As particularidades na prática de Raimundo Branquinho reiteram a capacidade de diferenciação das manifestações do homem. Sua habilidade em transformar, modificar e justapor, ressignificar e ressemantizar, atribui ao Boi Estrela o caráter peculiar de uma tradição pulsante, imersa em uma contemporaneidade. O mestre aprende, digere e apreende o novo à sua maneira. Suas modificações, adequações e também a adesão a instituições revelam uma “manifestação cultural” que se recria a todo momento, trama viva onde se confundem texto e contexto. As “práticas culturais” e a vida social não são imóveis, elas se recriam simultaneamente, e as invenções diárias estão a elas imbricadas.

Por meio de abordagens teóricas recentes, que discutem a produção do conhecimento antropológico como parte de um processo complexo que envolve relações intersubjetivas, buscamos nesse trabalho estabelecer uma discussão sobre os saberes diversos, diante de uma conjuntura em que se faz necessário um novo olhar tanto sobre a prática do Antropólogo quanto sobre as práticas que costumamos denominar culturais. Em seu decorrer, apontamos uma breve análise sobre o reisado Boi Estrela, estabelecida em paralelo com a explanação da teoria nos seguintes tópicos: perspectiva, fluxo, categoria e diálogo.

1. Perspectiva

Segundo Viveiros de Castro (1996), o antropólogo estuda não somente o comportamento do homem em sociedade, mas os diversos conhecimentos por ele produzidos. Deve ir além da análise das simbolizações em campo, observando o conhecimento nativo, não como outra visão do mundo, mas como a expressão de um mundo possível, diferente do seu. O autor nos leva a repensar sobre de que modo as elaborações dos pesquisados nos ajudam a aprofundarmos os conhecimentos, a entendermos melhor o mundo. (Viveiros de Castro, 1996).

O conhecimento antropológico, por sua vez, é uma relação social. A ciência que busca estudar o ponto de vista do nativo, o faz por meio de um discurso elaborado pelo antropólogo, que tece e está no tecido. E esse discurso se modifica a cada retorno ao campo e a cada revisão da teoria. Assim, o ponto

de vista exposto na pesquisa não é de fato o do nativo, mas o da relação do investigador com o ponto de vista do pesquisado. (Viveiros de Castro, 2002).

É justo porque o antropólogo toma o nativo muito facilmente por um outro ‘sujeito’ que ele não consegue vê-lo como um sujeito ‘outro’, como uma figura de Outrem que, antes de ser sujeito ou objeto, é a expressão de um mundo possível. [...] Ele sabe demais sobre o nativo desde antes do início da partida; ele predefine e circunscreve os mundos possíveis expressos por esse outrem; a alteridade de outrem foi radicalmente separada de sua capacidade de alteração. (Viveiros de Castro, 2002, p.117).

Para o autor, devemos pensar o pensamento nativo como um pensamento possível para nós mesmo, não somente abordá-lo analiticamente. Viveiros de Castro (2002) sugere que suplantemos a dicotomia da alteridade, no intuito de irmos além do reconhecimento do outro como tal, pare que o conhecimento produzido realmente sirva à Antropologia. Convida a transplantarmos as análises, as interpretações, as simbolizações e os significados nativos. Propõe, desse modo, uma relação dialógica entre antropólogo e pesquisado, não só em termos de intersubjetividade, mas em termos da própria produção de conhecimento.

Assim, esse outro que estudamos nos traria não somente um ponto de vista relativo a uma segunda pessoa (tu), tampouco a uma terceira (ele), mas a uma espécie de quarta pessoa “impessoal”, a qual nos proporcionaria além de uma nova perspectiva, uma nova possibilidade de mundo (Viveiros de Castro, 2002). Pois, conforme Steil e Carvalho (2012), a Antropologia corresponde a um engajamento, a uma abertura para outras maneiras de existir e de estar presente nesse mundo. Ela não deve reduzir os sentidos encontrados a crenças ou dogmas, visto que o que nos instiga no discurso nativo não é somente a sua forma, em termos de teoria antropológica, mas o seu conteúdo mesmo, a busca do conhecer (Viveiros de Castro, 2002). Nosso papel não é simplesmente o de analisar outros povos e seus mundos, mas ver as inúmeras possibilidades de conhecimento do homem (Steil & Carvalho, 2012).

Antropólogos, devemos estar abertos ao que o campo nos traz, às suas incertezas que também são as nossas. Se já chegamos com intenções cristalizadas, resultados pré-concebidos, nada temos a fazer por lá (por aí, por aqui ou alhures). Em campo somos expostos a surpresas, aos imponderáveis, e especialmente a inesperadas respostas aos estímulos de nossa presença relacional (com licença da redundância). O conhecimento antropológico, como afirma Viveiros de Castro (2002), é constituído justamente por essa relação entre antropólogo e pesquisado. Os sentidos e conceitos buscados em campo, dela fazem parte.

Ao estudarmos o reisado de Raimundo Branquinho no povoado Boquinha, devemos buscar compreender o conhecimento que parte do campo, as elaborações de Branquinho sobre a prática do Boi e as produções de sentido na comunidade; identificar seus próprios conceitos, categorias e problemas, e não enquadrá-los em terminologias pré-estabelecidas, advindas de nossas prévias elucubrações. Visto que, são justamente os assuntos e as temáticas que partem do campo, que interessam ao antropólogo. Vale ressaltar que os conceitos, mesmo os produzidos na comunidade, não podem ser fechados em si e as categorias não são dispostas a cerceamentos, são permeáveis e fluidas, variam internamente pela dinâmica e volatilidade própria ao real.

2. Fluxo

A experiência de vida, diz Steil e Carvalho (2012), se dá em nível de fluxo e consiste no interesse por excelência da Antropologia. Os símbolos são dinâmicos, estão sempre se transformando em um processo contínuo de reelaboração. O mundo está em movimento, mas as representações que dele fazemos são circunstancialmente imóveis. Devemos, portanto, nos distanciar de uma visão objetificadora que tenda a atribuir sentido externo às relações, enfatizando o dinamismo dos processos temporais e sociais que constituem o ambiente. Para tanto, é necessário atentarmos à dimensão

experencial do sujeito, sua relação com o mundo (seus lugares, memórias e crenças) e de que modo tal relacionamento constitui uma ambiência. (Steil & Carvalho, 2012).

Conforme Steil e Carvalho (2012), essa dimensão relacional encontra fundamentos na antropologia fenomenológica e vem para colapsar as dicotomias cartesianas natureza-cultura, mente-corpo, sujeito-objeto, interno-externo. Nesse contexto, de acordo com Ingold (2000, apud Steil & Carvalho, 2012), as paisagens são um fenômeno complexo, constituídas não só pelo visível, mas por um campo de relações. São urdidas dentro da vida, e as vidas por elas são tecidas, em um processo contínuo de fluxo e contrafluxos que não se esgota (Ingold, 2011 apud Steil & Carvalho, 2012). O objetivismo cultural, assim, cede lugar ao ambiente relacional, onde se entrelaçam o sujeito e o seu meio (Steil & Carvalho, 2012).

Desse modo, práticas como a do reisado liderado por Branquinho constituem um processo cognitivo em tempo real. O conhecimento não se esgota em si, participa de um processo aberto e dinâmico. Flui. A tradição não é imóvel, já sabemos. Ela existe porque faz sentido na comunidade a que pertence.

a contribuição das gerações passadas para as seguintes não se dá pela entrega de um conjunto de informações que adquiriu autonomia em relação ao mundo da vida e da experiência, mas pela criação, por meio de suas atividades, de contextos ambientais dentro dos quais as gerações presentes desenvolvem suas próprias habilidades. (Ingold, 2010 apud Steil & Carvalho, 2012, p.43).

Raimundo Branquinho, ao tempo em que diz ter herdado de seu pai a prática do Boi Estrela, afirma que ele mesmo criou o reisado na comunidade Boquinha (Os Amores de Teresa, 2006). Suas invenções diárias corroboram seu pensar. Destaca uma diferença entre os dois reisados: “O do meu pai é de promessa, o meu é tradição”. Conta que seu pai era pescador e que certa vez, ao jogar a tarrafa durante a pesca, perdeu sua dentadura de ouro. Apegou-se ao “Santo Reis” e prometeu colocar o reisado se achasse o dente. Logo, logo, a dentadura apareceu no rio e, desde então, passou a botar todos os anos o Boi Estrela da Mata no município de Demerval Lobão, onde viveu até seus últimos dias. Branquinho se “arranchou” em várias localidades, até que veio morar no povoado Boquinha, onde “inventou” o Boi Estrela. (Abreu, 2013). Seu reisado se recria a todo momento, se reelabora estabelecendo trocas com a comunidade e em um contexto mais abrangente. A prática é reinventada por um fluxo permanente entre memórias e estratégias do viver.

Para Tim Ingold (apud Steil & Carvalho, 2012, p.44), “a produção do conhecimento se dá pelo engajamento e pela imersão dos sujeitos no mundo imediato e material da experiência”, o que nos permite aproximarmos os diferentes saberes: tradicional, técnico e científico. Estamos imersos e somos participantes, em nossa totalidade, dos cursos de um mundo em criação. Quando algo desaparece, reordenamos os sentidos, e desse modo vamos reconstruindo rastros. “O mundo que nos é dado a observar é um mundo em movimento, num contínuo devir”. (Steil & Carvalho, 2012, p.45).

O conceito de cultura, portanto, se dinamiza e se desdobra, dado que é processo. Segundo Steil e Carvalho (2012, p.45) “estamos diante de uma nova cosmologia para pensar o mundo”, o que suscita um repensar a Antropologia, como no caso das provocações citadas anteriormente em Viveiros de Castro (2002).

uma formação em antropologia deve fazer mais do que promover um conhecimento sobre o mundo, os povos e as sociedades. Ela deve antes educar nossa percepção do mundo e abrir nossos olhos e mentes para as possibilidades do ser. (Ingold, 2011 apud Steil & Carvalho, 2012, p.45-46).

A dinâmica contemporânea requer mais do que a interpretação dos significados daqueles que pesquisamos. Conforme vimos, devemos refletir sobre o modo como tais conhecimentos, imanentes de processos relacionais, podem nos levar a repensar nossos próprios conceitos. A cada visita que fazemos ao povoado Boquinha, Branquinho nos apresenta novas mudanças no Boi Estrela. O reisado que era

ontem, hoje não é mais. As tradições e memórias são reelaboradas no presente. E mesmo no momento em que atualizamos sua transcrição no papel, essas já não são as informações mais atuais, o instante já cedeu a um outro agora. Cabe-nos, portanto, o desafio de estudar o reisado Boi Estrela, suas relações e categorias, nesse contexto fluido, pulsante e vivo.

3. Categoria

A realidade é inapreensível, e, conforme Parker (2002 apud Carrara & Simões, 2007), apresenta-se de forma confusa no mundo moderno, contemporâneo e globalizado. As relações são complexas, marcadas por processos de mudanças, partes de um sistema interativo (Parker, 2002 apud Carrara & Simões, 2007). Não podem ser desvendadas em funções simples de relações binárias. O movimento é constante e simultâneo, recíproco.

Assim, categorias e conceitos não devem ser tomados como normalidades, visto que a realidade é fluida e diversa. Os conceitos, por vezes, modificam as práticas, outras, são por elas determinados. As práticas são reinventadas na dinâmica do social e interagem mutuamente com as categorias estabelecidas. A realidade, permeável, possui fronteiras imaginárias e difusas, sua ambiguidade desordena e retroalimenta os padrões estabelecidos institucionalmente. (Carrara & Simões, 2007)

Em cada comunidade, as categorias são construídas por um modo próprio. Nessa invenção e reinvenção, os antigos conceitos articulam-se aos novos, “as novidades importadas são incorporadas e transformadas”, as categorias são apropriadas, reelaboradas e “exportadas”. (Carrara & Simões, 2007, p.91).

O Boi Estrela é mantido na zona rural de Teresina, na comunidade Boquinha. É influenciado e influencia as ações (especialmente por parte das instituições públicas e de outros grupos de reisado) no centro da cidade, onde as trocas são estabelecidas em um contexto mais amplo. O movimento refere-se não apenas a categorias, mas a elaborações teóricas, tendo em vista que as terminologias não se fecham em si mesmas, tampouco dão conta do real.

a atuação das “periferias” é bastante mais complexa [...] são sempre coprodutoras do que acontece nas metrópoles, mesmo que seu papel nesse sentido quase nunca seja reconhecido. São coprodutoras não apenas por aquilo que exportam [...], mas pelo que através delas, ou em seu nome é mantido no centro. (Carrara & Simões, 2007, p.91)

Apesar da ligação e da adesão a sistemas classificatórios institucionais como os utilizados pela Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves (FMC) e Fundação Cultural do Estado do Piauí (Fundac), que associam Raimundo Branquinho e a prática do reisado a categorias como: mestre de cultura, cultura popular, grupo tradicional, patrimônio imaterial, com características pressupostas, a manifestação em si não permanece circunscrita a uma definição, pois o que é próprio a tais expressões do homem é justamente sua capacidade em variar mediante as circunstâncias da vida diária, em se recriar e se reinventar na pulsação do viver.

A parceria do líder do Boi Estrela com tais Fundações, não consiste em um enquadramento de seu reisado em função de conceitos e normas, de outro modo, corresponde a uma estratégia para sua manutenção, a um não isolamento que expressa a permeabilidade que lhe é própria. A cada visita que fazemos, o reisado de Branquinho se modifica, não por imposição das instituições públicas, mas por solicitações diversas do contexto histórico, social, cultural, político, local e global, da contemporaneidade em que habita.

Sem deixarmos de estar alerta aos riscos da essencialização, reificação ou estigmatização de manifestações como o reisado, pelo uso estanque de categorias que possam vir a gerar preconceitos e divisões, acreditamos que certas classificações, mesmo quando instituídas e disseminadas pelo poder público, podem vir a contribuir para o empoderamento das classes diversas, pela apropriação e pelo uso de normas a favor de seus direitos. Devemos, sim, reconhecer a problemática do tema, mas temos que

suplantar o pavor antropológico a adesões de tais grupos ao poder público e observar as possibilidades de “inclusão” (apesar deste também ser um termo questionável) pelo reconhecimento mesmo das diversidades. (Carrara & Simões, 2007; Oliveira, 2009). Como bem nos dizem Carrara e Simões (2007), tais movimentos, manifestações do mundo contemporâneo, constituem “expressões de um espaço inclusivo de atuação política” (Carrara & Simões, 2007, p.94).

4. Diálogo

Conforme exposto, observamos que o reisado da comunidade Boquinha participa de um sistema de relações, ao tempo em que a manifestação, ela mesma, consiste em um sistema relacional. Desse modo, categorizar, ao contrário de naturalizar, deve estar associado a relacionar, pois suscita o diálogo entre partes diversas em movimentos multidirecionais.

Para Oliveira (2009), o mundo globalizado no qual estamos imersos tende a valorizar cada vez mais as diferenças culturais, e estas são “domesticadas” por meio de políticas públicas. Por outro lado, as populações hoje se fazem representar não somente por líderes locais ou “tradicionais”, mas por seus próprios intelectuais amplamente articulados. Assim, passam a considerar os antropólogos como um instrumento que pode ser eficiente no acesso aos direitos e recursos, em iniciativas que são cada vez mais especializadas e complexas (Oliveira, 2009).

Nas comunidades, segue Oliveira (2009), o interesse tem incidido em discussões sobre os conhecimentos tradicionais, especialmente em virtude dos movimentos aos quais nos referimos anteriormente. Cabe ao antropólogo, que não é neutro (visto que participa de um processo relacional), engajar-se às demandas dos pesquisados, o que tem surgido como pressuposto básico para as relações em campo. Assim, novas vertentes de estudo surgem na Antropologia, nas quais as temáticas a serem investigadas correspondem à convergência dialógica entre pesquisador e pesquisado. (Oliveira, 2009).

O que está sendo proposto agora é uma nova estratégia discursiva, na qual interesses e valores indígenas não são apenas observados, mas constituem parte imprescindível da construção sociológica do sujeito observante. (Oliveira, 2009, p.14)

Desse modo, uma nova perspectiva desponta na Antropologia, na qual os interesses dos pesquisados no trabalho do antropólogo são considerados de grande relevância à realização de sua pesquisa. O tema a ser estudado, portanto, exige constantes reformulações. Pois, se o empreendimento antropológico com bases no trabalho de campo é um processo relacional, ele é fundamentalmente dialógico.

As demandas da comunidade, por sua vez, não são prontamente encontradas. Assim como as necessidades são socialmente construídas (Sahlins, 1972), as exigências do grupo estudado são elaboradas circunstancialmente durante a pesquisa de campo. Segundo Lima (2013), o antropólogo deve se empenhar em trabalhar de modo aprofundado, participativo e dialogado com a comunidade, aliando os objetivos da pesquisa e seu olhar avaliativo, aos reais interesses dos pesquisados.

é importante deslegitimar a acusação de que uma postura mais ativa e politizada dos antropólogos seria negativa para a disciplina [...]. Os padrões atuais desse exercício antropológico, ainda que melhor adaptados à nova conjuntura jurídica e política, estão apoiados tanto em um esforço de revisão crítica da história da disciplina quanto na multiplicidade de métodos e objetos existente na produção antropológica contemporânea. (Oliveira, 2009, p.19).

De acordo com Oliveira (2009), é difícil pensarmos em um trabalho de campo hoje que não esteja politicamente situado, que não parta do reconhecimento de direitos e da atribuição de valores. Apesar de o autor referir-se às questões indígenas, a assertiva também se aplica a nossa pesquisa junto à comunidade Boquinha. A questão política tem permeado práticas como a do reisado de Raimundo

Branquinho. Essa dimensão, diz Oliveira (2009), estará sempre presente, seja de forma explícita ou não.

Branquinho é agricultor e pensa em se mudar para outra localidade quando se aposentar, um lugar onde possa ter melhores condições de viver, como uma terra própria para plantar. Os esforços de sua vida diária se estendem à prática do Boi Estrela. “A pancada do reisado é sofrida”, diz (Abreu, 2012). Afirma estar ligado ao povoado Boquinha especialmente por causa dos vínculos que tem com Teresina, pela relação constituída ao longo de anos com a FMC. A Fundação formaliza seu papel e seu *status* de dono do Boi Estrela, além de colaborar financeiramente com a prática do Boi pelo contrato de apresentações públicas a serem realizadas em dois períodos do ano, em janeiro e julho. Assim, as necessidades vão sendo construídas não só na comunidade, mas para além de seu entorno, tendo especialmente como referência o centro de Teresina e as instituições públicas de cultura. (Sahlins, 1972)

Para Oliveira (2009), o cenário contemporâneo globalizado nos leva a rever convenções etnográficas e a buscar novas estratégias de investigação em um contexto modificado. O antropólogo tem o dever reconhecer os cânones próprios da comunidade, manifestações que são por vezes coibidas, ignoradas ou simplesmente destinadas ao consumo emblemático, pela ação de outros profissionais. O nosso papel é o de não deixarmos ignorarem os valores éticos, culturais e emocionais, na construção e na implementação de políticas públicas. (Oliveira, 2009).

Os novos trabalhos, buscando incorporar as potencialidades da nova conjuntura política e científica, devem continuar a perseguir dois valores centrais que inspiraram a pesquisa antropológica: de um lado o rigor e a acuidade crítica na produção dos dados, de outro o respeito e a lealdade pelas pessoas e coletividades estudadas. (Oliveira, 1999 apud Oliveira, 2009, p.19)

É necessário, ainda, que o antropólogo reflita sobre as condições de seu trabalho, explicita as relações estabelecidas no campo e esclareça o modo de construção e de análise dos dados da pesquisa. A cientificidade na Antropologia reside justamente em uma clareza e um rigor que possibilitem recuperar a singularidade e a originalidade da experiência que propiciou a produção do conhecimento. (Oliveira, 2009)

Por fim, acreditamos que o empreendimento antropológico é um trabalho de escuta, de abertura a várias possibilidades do viver. Pois como nos diz Viveiros de Castro (2002), os problemas são diversos e não temos como saber de antemão quais são eles. Conforme Oliveira (2009), consideramos dever do antropólogo, trazer para o universo acadêmico e para além dele, o saber das comunidades que estudamos, seus valores cognoscitivos, suas simbolizações. Defendemos a “postura dialógica, compromissada e respeitosa” (Oliveira, 2009, p.22) como condição *sine qua non* no estudo das potencialidades do conhecer, das possibilidades do ser humano.

5. Referências

Publicações

Carrara, Sérgio & Simões, Júlio Assis (2007). Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos pagu*, 28, 65-99.

Lima, Leandro Mahalem de (2013). *Uma resposta possível “à lógica inequívoca interpretação antropológica” do missionário antropólogo Edward Luz*. Recuperado em 17 de março de 2013, do *website*: <http://www.gazetadesantarem.com.br/cidade/leandro-mahalem-de-lima-sobre-boraris>.

Oliveira, João Pacheco (2009). Pluralizando tradições etnográficas: sobre um certo mal-estar na Antropologia. *Cadernos do Leme*, 1 (1), 2-27.

Sahlins, Marshall (1972). A primeira sociedade da afluência (Betty M. Lafer, trad.). *In*: Carvalho, Edgard de Assis (org.). *Antropologia Econômica*. São Paulo: Livraria de Ciências Humanas, 1978.

Steil, Carlos Alberto & Carvalho, Isabel Cristina de Moura (2012). Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Terceiro Nome.

Viveiros de Castro, Eduardo (2002). O nativo relativo. *Mana*, 1 (9), 113-148.

Viveiros de Castro, Eduardo (1996). Os pronomes cosmológicos e o perspectivo ameríndio. *Mana*, 2(2), 115-144.

Entrevistas

Abreu, Raimundo Antônio de. Entrevista concedida a Laila Caddah, em 03 de janeiro de 2012.

Abreu, Raimundo Antônio de. Entrevista concedida a Laila Caddah, em 07 de janeiro de 2013.

Filme

Os Amores de Teresa. Direção geral: Chiquinho Pereira. Produção: Luciano Melo. Imagem e fotografia: Ítalo Tupinambá e Alexander Galvão. Trilha sonora: Adolfo Severo. Teresina: Companhia Pedra de Teatro, 2006. 01 DVD (51 min.), NTSC, color.